

Mailson culpa indecisão

Washington — As medidas de redução do déficit público levarão mais tempo do que o previsto pelos assessores econômicos do Governo e provocaram atraso na conclusão de um acordo com o FMI, segundo disse ontem o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, admitindo, pela primeira vez, os prejuízos da indecisão brasileira.

Mailson, que ontem esteve com o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, comunicou a vinda da missão brasileira, já trazendo um esboço de acordo, na próxima semana. Pelas recomendações feitas por diversos interlocutores, dirigentes de bancos e autoridades governamentais, Mailson julga agora conveniente apressar um acordo com o FMI e recuperar o tempo perdido. O comitê assessor dos bancos e o Tesouro americano querem pelo menos indícios concretos de que o Brasil vai assinar um acordo com o Fundo, ainda neste semestre, para dar andamento às negociações sobre a dívida, mantida em "banhomania" desde setembro de 87. O compromisso de realizar este cronograma foi firmado pelo ministro da Fazenda.

Logo após a vinda da missão brasileira, já na próxima segunda-feira, o Fundo deverá enviar seus técnicos ao Brasil, para dar

início formal às negociações. As cartas, no entanto, estarão marcadas. Este é o objetivo da vinda dos brasileiros a Washington.

Carta de intenções

A missão brasileira trará os pontos da primeira carta de intenções do Brasil ao FMI, da Nova República, prometendo reduzir o déficit público dos atuais 7% do PIB, para 3,9% do PIB, em 88. Para isto, resta fazer cortes de 1% (Cz\$ 720 bilhões) no orçamento da União, sobre os investimentos públicos, auxílio financeiro aos Estados e municípios e suas empresas; custeio da máquina estatal etc. A receita da União, conforme dados que a missão vai trazer ao Fundo, terá um incremento de Cz\$ 30 bilhões com o aumento do imposto de renda dos bancos, dividido na semana passada.

Ao contrário do que vem sendo sustentado até agora pelas autoridades brasileiras, o acordo com o FMI é de fundamental importância para o fechamento do acordo com os bancos. Só depois que Mailson empenhou sua palavra na concretização do acordo é que os entendimentos começaram a evoluir, com promessas de apoio até mesmo do governo americano.